

# METODOLOGIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA E APRENDIZAGEM PELA IMAGEM OU REPRESENTAÇÃO

**Mafalda Nesi Francischett**

Unioeste- Fbe

[mafalda@wln.com.br](mailto:mafalda@wln.com.br)

## Introdução

Engana-se quem acha que, para ensinar Geografia o professor não depende de uma excelente didática. Também não passou o tempo em que aprender sobre espaço geográfico não significa entender a prática da vivência nele. O homem não deixou de ser criativo nem menos curioso. Além disso, a escola continua sendo a instituição que ensina. Por isso, ensinar continua sendo a principal ação que fomenta as discussões e reflexões dos profissionais da educação das mais diversas áreas do conhecimento. Neste texto, vamos especificar aspectos metodológicos do ensino de Geografia para trabalhar Orientação e Localização através de desenho, imagem, representação.

O objetivo principal, nesta reflexão, é discutir alguns aspectos: ensinar Geografia depende de um bom embasamento didático? Quem usa como recurso didático desenhos, imagens, representações? Para tal, neste momento, trabalharemos com amostras de imagens que reportam ao conteúdo geográfico e à contextualização, ou seja, como estes são representados no decorrer do processo. Especificamente os conteúdos de localização e orientação, trabalhados pelos professores de Geografia, em sala de aula que apresentam certa preocupação, tanto para quem ensina como para quem deseja aprender.

Vários encaminhamentos metodológicos são realizados pelos professores para possibilitar ao aluno o entendimento do mapa. Poucos, porém, consideram que, para ensinar mapas, deve-se iniciar ensinando a interpretar o desenho. Por isso nem os alunos nem os professores, muitas vezes, conseguem entender porque acontece a dificuldade na prática cotidiana, na hora em que os conteúdos são trabalhados na escola. Ao perguntar aos alunos se sabem o que é Orientação, a resposta é afirmativa. Se perguntarmos qual é a diferença entre localização e orientação, qual é a resposta?

Respaldamo-nos, para esta reflexão, numa caminhada teórica embasada nos atributos da Cartografia com base conceitual em Salichtchev (1988) e Martinelli (1993, 1999, 2007 e 2009); Na teoria da Geografia Histórico-Crítica de Vesentini (1989, 1992); seguindo a trajetória do ensino na Cartografia Escolar em Oliveira (2007), Simielli (1986) e Francischett (1997, 2002); na função do mapa em Jacob (1992); na análise do discurso de Bakhtin (1988) e na mediação pedagógica em Vygotsky (1987).

A Cartografia contemporânea, segundo Simielli (1986), preocupa-se com o usuário do mapa, com a mensagem transmitida e com a eficiência do mapa como elemento transmissor de informação. Diversos esquemas teóricos foram propostos, nas últimas décadas, para representar o processo de comunicação cartográfica; entre os mais significativos, podemos citar os desenvolvidos por Board (1967, 1977 e 1978), Kolacny (1969), Freitag (1971), Ratajski (1973), Meine (1974 e 1975), Robinson & Petchenik (1975), Morrison (1976), Salichtchev (1977 e 1978) e Muehrcke (1978 e 1981). O que verdadeiramente procuramos, enquanto professores, é a metodologia adequada para ensinar a linguagem cartográfica. O que sabemos é que, além de excelente conhecimento dos conteúdos de Cartografia para a

Geografia, a metodologia de ensino é o outro aspecto responsável pelos sucessos e insucessos da prática pedagógica.

Uma das representações esquemáticas que resume bem a visão do processo de comunicação cartográfica foi apresentada por Salichtchev, em 1978, a partir da releitura do esquema teórico originalmente proposto por Kolacny em 1969. O desenvolvimento de idéias procedentes da Teoria da Modelização no campo cartográfico teve bastante repercussão e continua presente no debate atual da Cartografia. Não é por acaso que a todo momento nos deparamos com a questão do modelo cartográfico.

Salichtchev (1978) menciona, como tarefa básica para os estudiosos da Cartografia contemporânea, a preocupação com o aperfeiçoamento desse modelo. Sua concepção aponta no sentido do entendimento da produção de mapas como um processo de modelagem cujo principal objetivo é melhor conhecer a realidade.

A Teoria da Comunicação está centrada no conjunto mensagem-homem; a Comunicação é o processo que envolve sequência de atos espaço-temporalmente localizados; esta é a linha de pensamento pela qual optamos para interpretar o desenho usado como recurso didático, uma vez que a comunicação envolve o significado ou a interpretação das mensagens, que dependerá da dimensão semântica do código ao qual está referido. As mensagens só adquirem sentido quando representadas através de códigos, e a atualização destes dá-se através das mensagens.

A informação contida numa representação ou imagem cartográfica depende da variedade ou do número de mensagens passíveis de compreensão, abrangidas pelo código que as representam, e depende do entendimento do significado das mensagens. É um atributo dos sentidos aprendidos socialmente.

Para ensinarmos uma representação cartográfica é necessário fazermos uma boa escolha, para que esteja de acordo com o que precisamos e vamos ensinar. Para isso, a metodologia deve basear-se principalmente no conhecimento do conteúdo da representação e de mediação pedagógica que possibilite segurança a quem se dispõe à função.

## **Perspectivas Metodológicas**

Uma verdadeira mudança epistemológica na forma de interpretar a natureza da Cartografia está ligada diretamente à metodologia de ensiná-la na Geografia. Essa necessidade aumenta ainda mais com a crescente interdisciplinaridade vigente, fazendo com que a Cartografia participe cada vez mais, juntamente com as ciências humanas e sociais, tornando-se suscetível ao contato com novas idéias.

Uma epistemologia com base na teoria social é mais apropriada para a história da Cartografia. Ela mostrará que os mapas científicos são igualmente produto das regras da ordem, da geometria e da razão, mas também das normas e valores da ordem social e da tradição cultural. Nesse sentido, encontra-se nas palavras do próprio Harley (1987) uma interpretação para esse tipo de metáfora: como um discurso criado e recebido por agentes humanos, os

mapas representam o mundo por meio de um véu de ideologia, cheio de tensões internas, produzindo exemplos clássicos de poder e conhecimento, e sempre apanhados num amplo contexto político.

Jacob (1992) enfatiza o mapa não como objeto, mas na sua função. Uma função que tem seu ponto de partida aquém do momento em que o mapa é consultado. Ou seja, ao ceder seu lugar imediato e direto, representando um saber, ele continua a atuar como um mediador entre o espaço e sua representação, uma ilusão construída laboriosamente, num contexto sócio-político, através de determinados procedimentos técnicos, convenções gráficas e artifícios visuais. Seguindo o modo *Weltanschauung* - palavra de origem alemã que significa literalmente *visão do mundo* ou *cosmovisão* - para descrever a maneira como uma pessoa vê o mundo.

A imagem, a seguir, de autoria de Jacob (1992), retrata a atuação do mapa, no caso peculiar do SIG, simbolizado pelos óculos (o mapa), posicionados pelo projetista do SIG (o pequeno homem) diante da visão de um geógrafo. A imagem é apresentada como uma metáfora do processo de ensino e de aprendizagem do mapa no contexto da sala de aula, na interação entre mapa-aluno-professor. O mapa na função de transmitir as informações; o aluno, como sujeito que aprende a função do mapa; e o professor o sujeito que medeia a função de ensinar o mapa ao aluno.

#### **Imagem n°. 01 - A função do mapa mediada pelo professor**



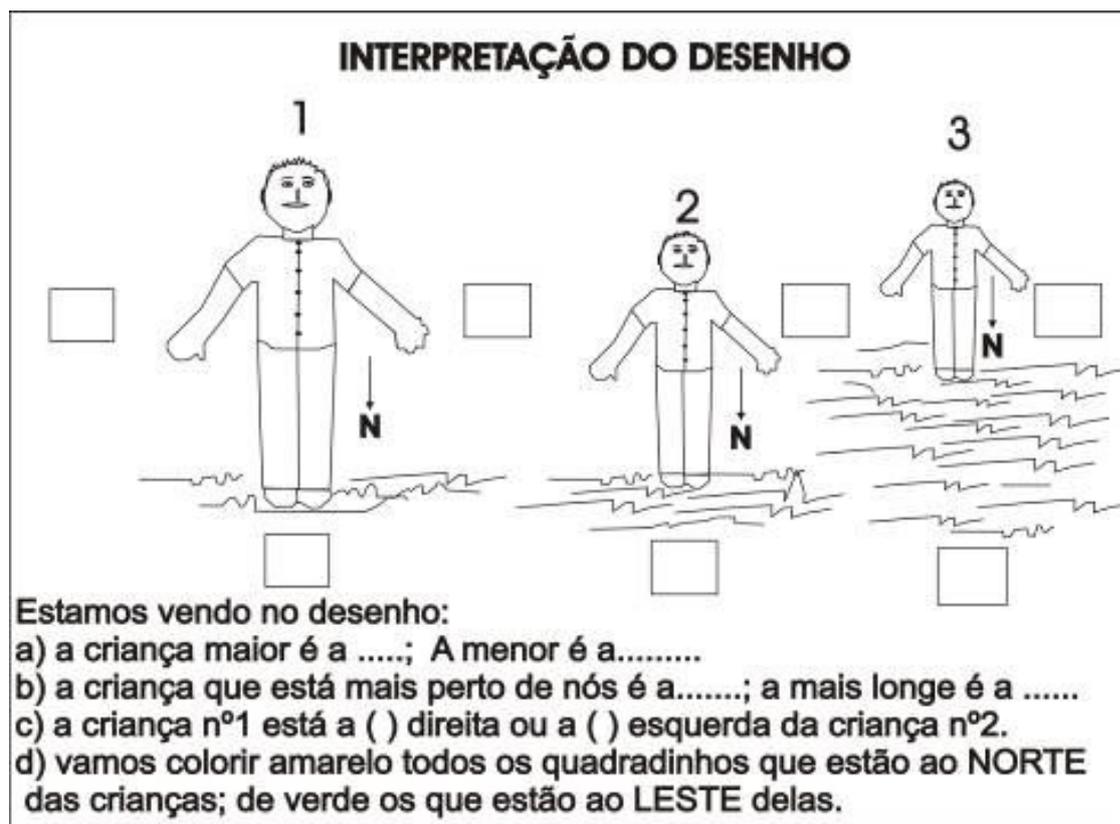
Fonte: JACOB, 1992, p. 16.

Ao trabalhar o mapa, na leitura e no processo de aprendizado do seu conteúdo, atribuem-se funções aos sujeitos que lêem, ensinam e aprendem. Assim, ao considerar a imagem construída por Jacob como metáfora para explicar e entender este processo, enfatizamos a importância do professor que se propõe a ensinar a leitura do mapa, formar uma visão holística do contexto. Na junção de cada função encontram-se as teorias que, além de explicarem as práticas, sustentam-nas. As práticas explicitam cada parte especificamente, sem que percam sua especificidade e função. Assim, atribui-se aos “óculos” a função de mapa (ele tem a função de oportunizar ao leitor retornar à realidade no sentido mais amplo); ao

“pequeno homem” a função do professor (mediador do ensino do mapa para o conhecimento do aluno); e, ao aluno atribui-se a função “do olhar”, função de ler e aprender os conceitos do mapa e no mapa. Importa ainda que, no decorrer do processo, o professor saiba cada um dos significados e para que se presta cada função.

Assim procede-se ao ler posição, tamanho e direção no espaço geográfico representado no desenho.

Desenho nº01- Posição, tamanho e direção no espaço geográfico



Elaboração: Francischett, 2009.

Ao interpretar o desenho colocam-se em diálogo os sujeitos: leitor (criança) e o autor do desenho. Embora o leitor, em muitos momentos, coloca-se na posição do autor e do próprio personagem representado no desenho, assim acontece também com o sujeito leitor. Para responder a pergunta qual das três crianças é maior em tamanho? o leitor ativa a subjetividade, os sentidos desenvolvidos no aprendizado das posições e, neste caso, os conceitos **maior e menor**. Assim, ao interpretar o conteúdo do desenho, vai responder que a criança nº.1 é a menor e a nº.3 é a menor.

Na questão, “Qual é a criança que está mais próxima de nós?”, integram-se dois sujeitos autor e leitor (criança). O leitor, com seus sentidos fora do desenho, neste caso, ocupa a função de mediar o conteúdo sobre o conceito/significado de **perto e longe**. Assim, o leitor vai responder que no desenho a criança que está mais longe é a nº.3.

A criança nº.1 está à direita da nº.2. Para entender esta questão o leitor precisa ter adquirido alguns saberes que lhe permitam analisar sob várias perspectivas no espaço. Na primeira, ele

se posiciona na imagem, no desenho; na segunda, ele está fora do desenho, no espaço real da representação para definir as posições de **direita e esquerda**.

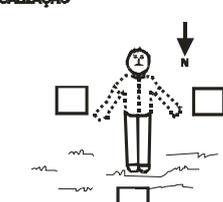
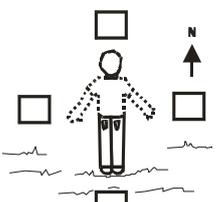
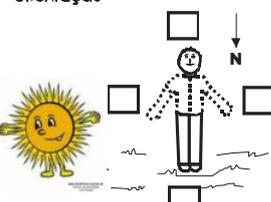
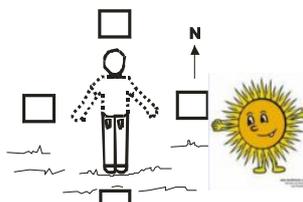
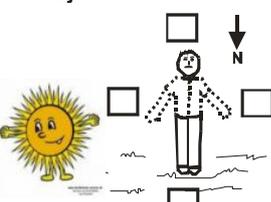
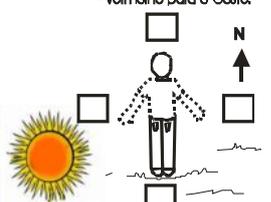
Para afirmar sobre a posição da direção **norte**, a referência de todo e qualquer objeto, em se tratando de localização no espaço, é a frente assim como a direção **sul** é atrás.

Nesse caso, a função do desenho é mediar didática e metodologicamente a relação do conhecimento do espaço geográfico real contido na representação através dos sentidos do sujeito ativados pela própria representação.

A didática proposta por Comenio visa a um ensino “verdadeiro, completo, claro e sólido” a partir do encontro do homem com a natureza. O verdadeiro ensino apresenta diretamente as coisas sensíveis aos sentidos. Quando isso não é possível, pelo menos, devem se apresentar suas imagens, ou referentes mais próximos, daí a importância das ajudas audiovisuais que, no tempo de Comenio, consistia no Atlas Científico Ilustrado “Orbis Pictus” elaborado com a finalidade de que “junto com as palavras chegassem às crianças, se não as coisas, pelo menos as imagens das coisas (Manacorda, 1989: 221) ou através da dramatização “Schola Ludus”, fazendo que as crianças encarnassem os personagens da história e da sociedade (SÁNCHEZ GAMBOA, 1992, p. 9).

Ao ensinarmos o desenho procedemos a uma aproximação do conhecimento do real através do que dele está representado. Para isso, alguns saberes introdutórios são importantes, como as posições cardiais que indicam o contexto no qual está o leitor e como o espaço se apresenta a ele na representação.

### Desenho nº02 - Localização e Orientação através do desenho

<p><b>LOCALIZAÇÃO</b></p>  <p>Considerando o Norte do menino vamos colorir as janelas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>A) Amarelo para o Norte.</li> <li>B) Verde para o Sul.</li> <li>C) Azul para o Leste.</li> <li>D) Vermelho para o Oeste.</li> </ul>  <p>Elaborado: FRANCISCHETTI, 2008.</p>	<p><b>Orientação</b></p>  <p>O Sol está no Oriente, considerando isto pinte as posições nos desenhos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>A) Amarelo para o Norte.</li> <li>B) Verde para o Sul.</li> <li>C) Azul para o Leste.</li> <li>D) Vermelho para o Oeste.</li> </ul>  <p>Elaborado: FRANCISCHETTI, 2008.</p>	<p><b>Orientação</b></p>  <p>Considerando no desenho 'A' o Oriente e no 'B' o Ocidente:</p> <p>Pinte as janelas de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Amarelo para o Norte.</li> <li>- Verde para o Sul.</li> <li>- Azul para o Leste.</li> <li>- Vermelho para o Oeste.</li> </ul>  <p>Elaborado: FRANCISCHETTI, 2008.</p>
---	--	--

Na primeira imagem o conceito de localização apresenta-se através do referente “menino”, ou seja, as posições direita e esquerda, frente e atrás estão relacionados à imagem do humano. Na imagem superior, o menino está de frente e a seta indica o Norte Verdadeiro coincidindo com o Norte do menino. Na imagem inferior, o menino está de costas (Sul) para o leitor. O Norte Verdadeiro, conforme a seta indica o Norte, coincide com o Norte do menino, assim, o desenho apresenta o localizar-se e o nortear-se.

Na segunda imagem, o conceito de orientação apresenta-se através do referente Sol (orientar-se) e o Norte Verdadeiro pela seta (nortear-se). Localização apresenta-se através da direção dos sentidos de direita e de esquerda, visivelmente marcados com os braços do menino esticados e pela posição do corpo para frente. Como exemplo na parte inferior da imagem, a posição do “menino” muda para o lado oposto, numa volta de 180° graus; a localização dele muda. Fica com as costas (Sul) para o leitor. A orientação do menino não muda, permanece o leste (mão direita) para o Oriente bem como a frente dele coincide com o Norte Verdadeiro (seta).

Na terceira imagem, na parte superior, a posição do menino (localização) coincide com a posição do Sol (orientação). Na parte inferior temos a mesma situação, só em posições diferentes, agora o menino está voltado para Oeste (localização) coincidindo com a posição do Sol (Ocidente).

Três exemplos para ensinar localização e orientação. A primeira imagem traz o menino como referência de localização é a seta referenda o Norte Verdadeiro. Na segunda, o menino é a referência de localização e o Sol, de orientação. Na terceira, a referência do Oriente é pelo Sol e a de localização que coincide com o lado Leste do menino, ou seja, com o lado Leste da Terra. Na parte inferior, estão as mesmas informações, só que numa posição diferente, ou seja, o Sol no poente e o menino de costas que demonstram Localização e Orientação coincidindo no espaço geográfico.

Para Simielli (1986), a Cartografia contemporânea preocupa-se atualmente com o usuário do mapa, com a mensagem transmitida e com a eficiência do mapa como elemento transmissor de informação.

Diversos esquemas teóricos foram propostos nas últimas décadas para representar o processo de comunicação cartográfica, entre os mais significativos podemos citar os desenvolvidos por Board (1967, 1977 e 1978), Kolacny (1969), Freitag (1971), Ratajski (1973), Meine (1974 e 1975), Robinson & Petchenik (1975), Morrison (1976), Salichtchev (1977 e 1978) e Muehrcke (1978 e 1981). Neste artigo, porém, vamos tratar do processo de comunicação cartográfica no contexto didático escolar que, nos últimos tempos, atribui imenso valor à relação da linguagem cartográfica com o ensino e aprendizado dos conteúdos de Geografia.

Assim, o desenho cartográfico é um recurso didático de extrema importância porque trata de melhorar a expressividade das características gráficas dos elementos que compõem um mapa com o fim de aperfeiçoar o processo de visualização que transfere a informação do mapa para quem o consulta. No paradigma comunicador do mapa, defendido por Kolancny (1969), Ratajski (1973), Morrison (1976) e Salichtchev (1978), o desenho tem como finalidade mostrar, de forma visual, o mais claramente possível, as características dos territórios representados no mapa. A utilização dos mapas em sala de aula tem por finalidade a interação dos alunos no processo de abstração, pois representam a realidade através de símbolos.

A visualização da paisagem na representação é a preparação para a pré-leitura de mapas. “A imagem cognitiva da realidade geográfica, tida como modelo de concepção do mapa, é que seria o motor responsável pelo funcionamento do sistema de comunicação cartográfica” (MARTINELLI, 1999, p.16). Sabemos que a imagem cognitiva é resultado do processo social cultural e, neste caso, o conhecimento que se processa no âmbito escolar tem direta vinculação com o papel do professor e de sua metodologia de ensino.

Além da visualização da paisagem na representação cartográfica, é preciso atenção aos quesitos básicos que compõem a imagem cognitiva necessária para o entendimento do conteúdo por ela proposto. Portanto, localização e orientação são requisitos para o entendimento de todas as imagens cartográficas. O termo orientação não é novo e nem desconhecido. Kant por volta de 1786 já escrevera sobre isso na sua obra “Que significa orientar-se no pensamento?” Para tanto, ele mencionara:

Orientar-se, no genuíno significado da palavra, quer dizer, a partir de uma dada região cósmica (uma das quatro em que dividimos o horizonte) encontrar as restantes, ou seja, o ponto inicial. Se vejo o Sol no céu e sei que agora é meio-dia, sei encontrar o Sul, o Oeste, o Norte e o Oriente. Mas, para esse fim, preciso do sentimento de uma diferença quando ao meu próprio sujeito, a saber, a diferença entre direita e a esquerda. Dou-lhe o nome de sentimento porque, exteriormente, estes dois lados não apresentam na intuição nenhuma diferença notável (MORÃO, 2005, p.5).

É importante darmos atenção ao que Kant chama de sentimento, que, a nosso ver, pode ser entendido como conhecimento; aquilo que se aprende e que não deixa de ser uma mensagem subjetiva. Para tanto, sem o sentido de direita e esquerda, não é possível entender o conteúdo de uma imagem, representação. Sem sabermos diferenciar esquerda e direita, em qualquer posição que estejamos, não é possível localizarmos e muito menos orientarmos.

Kant afirma ainda que, sem a faculdade de diferenciar direita e esquerda, ao traçar um círculo, sem a ele referir qualquer diferença dos objetos, mas distinguindo, todavia, o movimento que vai da esquerda para a direita daquele, em sentido oposto, e determinando assim, a priori, uma diferença na posição dos objetos, não saberia situar o Ocidente à direita ou à esquerda do ponto Sul do horizonte. Por conseguinte, deveria completar o círculo através do Norte e do Oriente até chegar de novo ao Sul. Isto para nosso entendimento, é o que diferencia localização de orientação. A localização parte do princípio da centralidade e lateralidade do objeto referido enquanto orientação parte do princípio de que o referente é o Oriente. Tanto um quanto o outro são conhecimentos propostos e adquiridos culturalmente.

Para Kant, orientar-se geograficamente em todos os dados objetivos do céu só poderia ser por meio de um princípio subjetivo de diferenciação. E se olhasse agora para o ocidente, nenhum olho humano perceberia, na noite estrelada seguinte, a menor alteração; mesmo o astrônomo, se só prestasse atenção ao que diz e não simultaneamente ao que sente, ficaria inevitavelmente desorientado. Em seu auxílio, porém, e de modo muito natural, surge a faculdade diferenciadora estabelecida pela natureza, todavia tornada habitual pela prática frequente, mediante o sentido da direita e da esquerda. Isso significa ater-se, ao mesmo tempo, aos dois conceitos: localização e orientação.

Através de cada ato de leitura, consolida-se a comunicação humana. No dizer de Brandão (2004), o interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado. Da concepção de signo linguístico como um sinal que advém da língua, passamos a uma outra compreensão do fenômeno que é a do signo dialético, vivo, dinâmico. Para Bakhtin (1988) as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. A modificação das formas ocasiona a modificação do signo. Todo signo ideológico bem como o signo linguístico estão marcados pela realidade de uma sociedade de determinada época.

É preciso dar mais atenção para alguns símbolos criados e perpetuados no tempo. Exemplo disso é a orientação e localização. Quem não sabe encontrar os pontos cardeais? Todos os que passaram pela escola sabem! Então, por que ao serem solicitados a fazer o mais simples

movimento como o giro do próprio corpo, já não sabem identifica-los? O conteúdo da representação, quando não se torna dinâmico para o leitor, vai petrificar o conhecimento como também o não conhecimento.

### **Considerações Finais**

O adjetivo didático designa um conjunto de características que qualificam a prática educativa diante da crise pedagógica que ora a sala de aula vivencia. Entre essas características, está o reconhecimento de que o desenho cartográfico tem sido um recurso mediático importante para a educação.

Didática é, portanto, o nome com que se convencionou adjetivar as práticas educativas relacionadas à questão escolar. Assim, “recurso didático” designa uma qualidade especial que define uma classe de características dos materiais e metodologias de ensino que, juntos, permitem o reconhecimento de sua identidade diante de uma Educação que pretende assim formar com os conhecimentos escolares.

O próprio conceito de localização e orientação exige sempre, além da mediação do professor, um bom recurso didático que tanto pode ser o desenho como as outras representações cartográficas. Podemos refletir ou questionar o porquê e o como ensinar localização e orientação, mas não deixar de ensiná-los, para que não incorramos novamente no erro de achar que são conceitos ultrapassados e não necessários. Conforme esses conteúdos aparecem, nas obras didáticas e na prática educativa sinalizam sobre o tipo de produção teórico conceitual nessas mesmas obras e a concepção de quem as ensina.

É importante pensarmos sobre o processo pedagógico todo, nas concepções de mundo que sustentam cada um dos seus autores, na experiência didática de sala de aula, no nível de ensino a que se dirige o recurso didático e quem são seus autores.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERTIN, Jacques. Préface In: BONIN, S. **Initiation a la Graphique**, Paris, EPI diteurs, 1975.

\_\_\_\_\_. **O teste de Base da Representação Gráfica**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, FIBGE, 42 (1), pp.160-182, 1980.

\_\_\_\_\_. **Ver ou Ler**. Seleção de Textos, São Paulo, AGB, 18, pp. 45-61, 1988.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no Ensino de Geografia – Construindo os Caminhos do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Cartografia no Ensino de Geografia – A Aprendizagem Mediada**. Cascavel: Edunioeste, 2004.

HARLEY, J.B. “Deconstructing The Map”. *Cartographica*, Toronto, University of Toronto Press, 26(2):1-20, 1989; “Cartography, Ethics and Social Theory”. *Cartographica*, Toronto,

University of Toronto Press, 27(2):1-23, 1990; “Innovation, Social Context and The History of Cartography / Review Article”. *Cartographica*, Toronto, University of Toronto Press, 24(4), pp.59-68, 1987.

KANT. I. (1786) **Que significa orientar-se no pensamento?** Tradução: Artur MORÃO, LusoSofia: press, 2005.

MARTINELLI, Marcello.. A Sistematização da Cartografia Temática. In. ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**, São Paulo: Contexto, 2007, pp.193-220.

MATIAS, Lindon Fonseca. **Por uma Cartografia Geográfica - uma Análise da Representação Gráfica na Geografia**, São Paulo: USP, 1996. Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Sistema de Informações Geográficas (SIG): Teoria e Método para Representação do Espaço Geográfico**, São Paulo: USP, 2001. Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia (Tese de doutorado).

SALICHTCHEV, K. A., **Algumas reflexões sobre o objeto e o método da cartografia depois da Sexta Conferência Cartográfica Internacional**, Trad. Regina Vasconcellos, in Seleção de Textos: Cartografia Temática, 18 AGB, São Paulo, 1988.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Comenio y la actual crisis de la didáctica. In: **Momento Pedagógico**. México: Universidade Pedagógica Nacional, abr-jun, 1992, pp. 6-11.

SIMIELLI, Maria E. R. **O Mapa Como Meio de Comunicação - Implicações no Ensino de Geografia do 1o. Grau**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986. (Tese de Doutorado).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.